



Data: 07.03.2020

Título: Crise vai ajudar a desenvolver o trabalho remoto

Pub: **Diário de Notícias** 



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;22;23

Tecnologia Crise vai ajudar a desenvolver o trabalho remoto

Área: 1101cm² / 35%

FOTO Titagem: 24.000

Cores: 4 Cores

ID: 6767301

Tecnologia Epidemia é oportunidade para a era do trabalho e da vida remotos

Crise desencadeada pelo coronavírus está a exponenciar negócios e tecnologias, a reduzir emissões e vai massificar o trabalho e a vida remotos, mas há cuidados importantes a ter.

—JOÃO TOMÉ
joao.tome@dinheirovivo.pt

O que é que a qualidade de vida, a crise ambiental, os problemas de mobilidade nas cidades ou a crise dos preços na habitação (Lisboa e Porto incluídas) têm que ver com os problemas criados pelo coronavírus? “Envolvem o mesmo tipo de tecnologia e de soluções para trabalho e vida remotos que podem criar efeitos duradouros”, diz-nos Francisco Jerónimo, da consultora IDC. Certo é que estudos recentes mostram que se pode poupar 22 dias por ano nas viagens para o escritório, reduzir 80% dos gastos em espaço de escritório e as reduções de viagens na China com o covid-19 fizeram as emissões de carbono para a atmosfera cair 25%.

Em Portugal há já escolas fechadas por precaução e a Direção-Geral da Saúde e o governo recomendam o teletrabalho e que se evite encher os hospitais (é preferível usar a linha SNS 24). A nível global existem milhões de pessoas em quarentena e a tecnologia será fundamental para facilitar esta vida em casa que empresas como a Xerox Portugal, a Worten ou a Farfetch já permitem aos funcionários. Não é, assim, surpreendente que as ações em bolsa de empresas com soluções *online* para o teletrabalho como Zoom (para videoconferências) ou Slack (comunicação entre equipas) estejam a crescer vertiginosamente. Mas não é só no teletrabalho. As pessoas vão ficar mais em casa, daí que a Amazon (encomendas *online*) e

a Netflix (*streaming* vídeo) cresçam em bolsa – a Netflix subiu 18,6% nesta semana.

Gonçalo Hall é um dos organizadores da conferência Nómada Digital (a 14 de abril) e consultor nesta área de trabalho remoto. Está a trabalhar com três empresas nacionais neste momento e diz-nos que tem tido um grande aumento na procura, “mas mais a nível internacional, de Alemanha, Itália e EUA. Em Portugal sinto que as empresas ainda não têm noção de que poderão ter de fechar os escritórios”. Um dos maiores problemas no país “é a comunicação”, já que várias empresas têm processos baseados mais na oralidade e no *e-mail*, com poucos processos *online*. Há muitas ferramentas para o teletrabalho mas torna-se “funda-





Data: 07.03.2020

Título: Crise vai ajudar a desenvolver o trabalho remoto

Pub:

Diário de Notícias



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;22;23



Área: 1101cm² / 35%

FOTO Tiragem: 24.000

Cores: 4 Cores

ID: 6767301

mental ter *softwares* menos óbvios como o Asana ou o Trello para definir tarefas, *deadlines* e responsáveis por cada tarefa”. Hall adianta que o processo feito nas empresas para implementar o teletrabalho é de quatro a seis semanas, “mas pode ser feito em três dias ou até 24 horas em caso de emergência”. Pedro Moura, responsável da *startup* portuguesa Landing Jobs – plataforma de recrutamento *online* – admite que o trabalho *remote friendly* é uma tendência que se vai solidificar agora. Um estudo da empresa revela: “80% dos profissionais de tecnologias de informação em Portugal estão preparados e desejam essa solução”.

Teletrabalho no interior

June Bolneo nasceu nas Filipinas há 36 anos e vive em Portugal há quatro. “Apaixonei-me por Lisboa e decidi viver aqui.” Criou uma empresa de *marketing* digital sediada em Nova Iorque e é isso que lhe paga as contas. Mas o seu principal trabalho é na Grow Remote, uma ONG irlandesa que tenta expandir o trabalho remoto para zonas rurais. No início deste ano June começou a fazer *workshops* em Aveiro e Évora – segue-se Ericeira e Vila Nova de Milfontes. O objetivo? Ensinar a melhor forma de fazer trabalho remoto e colocar portugueses em contacto com empresas internacionais. Neste momento estão a ajudar empresas e municípios portugueses a criar projetos-piloto de trabalho remoto e a treinar os funcionários. Adepta do teletrabalho e da qualidade de vida que permite, June quer fazer dele a norma.

O que parece ainda pouco realista para o teletrabalho é a realidade

virtual ou aumentada. O líder do Facebook, Mark Zuckerberg (que comprou em 2014 a Oculus VR), voltou a frisar em janeiro que os próximos dez anos serão marcados pelo teletrabalho “e a tecnologia de realidade virtual ou aumentada vai dar-nos a sensação de estarmos noutra local de forma convincente”, aliviando a crise de habitação dos grandes centros. “Mas ainda não está pronta para fazer a diferença porque falta melhores aparelhos e integração com as soluções da Microsoft ou da Google”, admite Francisco Jerónimo.

Este português que lidera a área de aparelhos móveis do IDC a partir de Londres admite que o coronavírus vai “iniciar uma vaga de trabalho remoto que veio para ficar” porque “a maioria das empresas vão perceber que poupam dinheiro. Certo é que o contacto virtual nunca vai substituir o contacto pessoal”.

Opinião semelhante tem a investigadora na relação trabalho-família e professora de Psicologia na Universidade de Lisboa, Maria José Chambel, que indica que “o trabalho remoto não é para todos”, já que “há quem se sintam de-

masiado isolado”. Gonçalo Hall diz mesmo que, se não houver cuidado, “pode haver excesso de trabalho em casa” ou a mistura indesejada entre vida pessoal e trabalho. A formação pode ser importante para criar hábitos adequados, do vestir de manhã até aos tempos de trabalho e pausas. O isolamento “combate-se com mais vida social.” Chambel lembra que há empresas que fornecem cadeiras e secretárias, o que ajuda o colaborador a ter um espaço próprio para trabalhar em casa e separar mentalmente trabalho e vida pessoal. Pedro Moura adverte que enquanto as empresas devem apostar na “autonomia e responsabilização”, os colaboradores devem evitar cair na anomia profissional. “Há um grande potencial, inclusive nos portugueses, para fazerem trabalho remoto para fora.”

Nas dificuldades mais práticas no trabalho a partir de casa estão a velocidade da internet – se houver alguém a usar Netflix em casa as videoconferências podem ficar comprometidas – e a segurança. David Emm, especialista da Kaspersky – empresa de cibersegurança – indica-nos que além de fornecer uma VPN (rede privada virtual para que as equipas se liguem com segurança à rede corporativa) – algo que a Xerox Portugal já fornece –, as empresas devem dar telemóveis e portáteis com *software* de segurança e tentar tornar as redes *wi-fi* seguras. “As redes 4G representam menos riscos do que uma rede *wi-fi* pública.”

Em resumo, a tecnologia já permite um estilo de vida remoto como nunca houve e com o 5G só irá melhorar. A epidemia é a oportunidade de expandir a tendência.

“O trabalho remoto veio para ficar porque a maioria das empresas vão perceber que poupam dinheiro.”

—FRANCISCO JERÓNIMO

Analista da consultora IDC





Serviços remotos Da saúde às conferências

— Consultas médicas remotas.

A *startup* que criou um ecossistema de saúde (de triagem por *chatbot*, consultas por videoconferência e fornecimento de medicamentos e *kits* para análises de sangue) admite-nos “um aumento exponencial de pedidos nesta altura”. No Reino Unido estão já a ajudar o sistema nacional de saúde para evitar espalhar a doença nos centros hospitalares.

— Conferências (e ensino) *online*.

As conferências *online* não são uma novidade, mas neste ano terão de ser a regra. A Web Summit cancelou ontem a Collision, no Canadá, indicando que vai fazer tudo *online*. Paddy Cosgrave diz que está preparado e no final de fevereiro investiram numa *startup* de conferências remotas, a Hopin. “O *software* será chave nesta explosão de conferências *online*”, admite. Mais difícil será expandir as plataformas de cursos *online* para as centenas de escolas já fechadas na Europa.

— Museus. Futebol. Concertos.

As ferramentas para ver monumentos ou mesmo museus inteiros *online* e até de forma virtual já existem – a Google lidera. A realidade virtual aliada ao futebol e aos concertos pode ter novo fôlego com ajuda do 5G.

— Compras e refeições *online*.

As encomendas *online* ganham maior preponderância nesta altura – a Amazon cresce em bolsa. O mesmo acontece com o serviço de entregas ao domicílio de Continente, Auchan ou Mercadão e refeições ao domicílio como a Uber Eats.